

## ESCRITA E RESISTÊNCIA: O UNIVERSO LITERÁRIO DE LYGIA FAGUNDES TELLES

*Ana Claudia Servilha Martins* (Unemat) <sup>1</sup>  
*Diane Francieli Perereira Salvador* (Unemat) <sup>2</sup>

### Resumo

O presente estudo visa analisar a escrita literária da autora brasileira Lygia Fagundes Telles. No ínterim, a pesquisa justifica-se pela importância dessa escritora para a organização do pensamento revolucionário e contestador no período da Ditadura Militar no Brasil (1964 – 1985). Objetiva-se, desse modo, desenvolver reflexões sobre as características da literatura engajada dessa autora. Lygia Fagundes Telles nasceu em São Paulo, no dia 19 de abril de 1923. Iniciou suas atividades literárias ainda na adolescência, aos 15 anos, quando publicou seu primeiro livro de contos, *Porão e Sobrado*, em 1938. Seu universo ficcional problematiza as mazelas sociopolíticas contemporâneas, o papel da mulher em contextos de opressão e de não legitimação, bem como, questiona valores e padrões impostos por regimes totalitários e antidemocráticos. O viés literário de Lygia Fagundes Telles trabalha com a diversidade das palavras, que juntas passam a criar mundos transpostos da realidade para a ficção. Ao escrever seus contos e romances, mostra as profundas transformações pelas quais passou a classe média brasileira a partir dos anos 50. É nesse engajo, que uma das maiores escritoras literárias do século XX, no Brasil, consolida sua inventividade. Lygia Fagundes Telles, em 1982, foi eleita para a Academia Paulista de Letras. Em 12 de maio de 1987, tornou-se a terceira mulher eleita para a Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira n.º 16. Em consonância aos diálogos do sociólogo e crítico literário Antonio Candido (1985), a literatura é a capacidade de confirmar a humanidade do homem. Nessa perspectiva, essa autora, intelectual das letras, viabiliza aos seus leitores reflexões dadas aos elementos das humanidades do presente.

**Palavras-chave:** Literatura; Resistência; Lygia Fagundes Telles.

---

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Mestra em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Discente no Programa de Estudos Literários nível de Doutorado/PPGEL- UNEMAT, *Campus* Universitário de Tangará da Serra/MT, sob orientação do Profe. Dr. Agnaldo Rodrigues da Silva. E-mail: [anaclaudiaservilha@gmail.com](mailto:anaclaudiaservilha@gmail.com).

<sup>2</sup> Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail: [diany\\_tga@hotmail.com](mailto:diany_tga@hotmail.com)

## WRITING AND RESISTANCE: THE LITERARY UNIVERSE OF LYGIA FAGUNDES TELLES

### Abstract

This study aims to analyze the literary writing of the Brazilian author Lygia Fagundes Telles. In the meantime, the research is justified by the importance of this writer for the organization of revolutionary and challenging thought during the Military Dictatorship in Brazil (1964 - 1985). Thus, the objective is to develop reflections on the characteristics of the engaged literature of this author. Lygia Fagundes Telles was born in São Paulo, on April 19, 1923. She started her literary activities when she was still a teenager, at the age of 15, when she published her first book of short stories, *Porão e Sobrado*, in 1938. Her fictional universe problematizes sociopolitical ills. contemporary, the role of women in contexts of oppression and non-legitimation, as well as questioning values and standards imposed by totalitarian and anti-democratic regimes. Lygia Fagundes Telles' literary bias works with the diversity of words, which together start to create worlds transposed from reality to fiction. In writing his stories and novels, he shows the profound transformations that the Brazilian middle class went through from the 1950s onwards. It is in this engagement that one of the greatest literary writers of the 20th century, in Brazil, consolidates his inventiveness. Lygia Fagundes Telles, in 1982, was elected to the Academia Paulista de Letras. On May 12, 1987, she became the third woman elected to the Brazilian Academy of Letters, occupying the seat no 16. In line with the dialogues of sociologist and literary critic Antonio Candido (1985), literature is the capacity to confirm the humanity of man. In this perspective, this author, intellectual of the letters, makes possible to her readers reflections given to the elements of the humanities of the present.

**Keywords:** Literature; Resistance; Lygia Fagundes Telles.

## Introdução

Lygia Fagundes Telles nasceu em São Paulo, no dia 19 de abril de 1923. Filha de Durval de Azevedo Fagundes (promotor) e de Maria do Rosário Silva Jardim de Moura (pianista), iniciou suas atividades literárias ainda na adolescência, aos 15 anos, quando publicou seu primeiro livro de contos, *Porão e Sobrado*, em 1938. A publicação dos contos, realizada com a ajuda de seu pai, permitiu que a autora fizesse a opção exclusivamente pelo campo literário, se desvinculando dos estudos acadêmicos nos cursos de Direito e de Educação Física.

Dentre suas publicações, destacam-se: *Porão e Sobrado* (contos, 1938), *Praia Viva* (contos, 1944), *O Cacto Vermelho* (contos, 1949), *Ciranda de Pedra* (romance, 1954), *Histórias do Desencontro* (contos, 1958), *Verão no Aquário* (romance, 1964), *Histórias Escolhidas* (contos, 1964), *O Jardim Selvagem* (contos, 1965), *Antes do Baile Verde* (contos, 1970), *As Meninas* (romance, 1973), *Seminário dos Ratos* (contos, 1977), *Filhos Prodígios* (contos, 1978), *A Disciplina do Amor* (contos, 1980), *As Horas Nuas* (romance, 1989), *A Noite Escura e Mais Eu* (contos, 1995), *Invenção e Memória* (contos, 2000), *Biruta* (contos, 2004), *Histórias de Mistérios* (contos, 2004), *Conspiração de Nuvens* (contos, 2007) e *Passaporte para a China* (contos, 2011).

Conforme Vanessa Aparecida Ventura Rodrigues, em sua dissertação intitulada *As marcas da memória na escrita de As meninas, de Lygia Fagundes Telles* (2014):

Lygia teve sua infância marcada pelas histórias, ouvidas de outras crianças ou dos empregados que a mãe contratava, histórias recheadas de magia, folclore, por vezes assustadoras, com mulas-sem-cabeça, lobisomens e tempestades. Teria, portanto, aprendido a viver no universo que gira em torno da palavra. Em 1938, com apenas 15 anos publica seu primeiro livro de contos *Porão e Sobrado*, que reúne 12 contos, sendo a edição paga pelo pai. Aos dezoito anos ingressa no curso de Direito, um importante passo para sua condição de mulher nos anos 40, passando a frequentar as rodas literárias da faculdade e importantes livrarias como a Jaraguá, lugar onde era comum a passagem de importantes nomes da literatura como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, o crítico de cinema Paulo Emílio Sales Gomes, que viria a ser o seu segundo marido, mais de duas décadas depois. (RODRIGUES, 2014, p. 14)

É nesse engajo, que uma das maiores escritoras literárias do século XX, no Brasil, consolida sua inventividade em torno do seu trabalho com as palavras. Lygia Fagundes Telles, em 1982, foi eleita para a Academia Paulista de Letras. Em 12 de maio

de 1987, tornou-se a terceira mulher eleita para a Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira n.º 16. Devida autora recebeu, ainda, importantes premiações, tais como: Prêmio PEN Clube do Brasil, Prêmio Jabuti e o Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte. Obteve maior consagração em 13 de outubro de 2005, ao receber o Prêmio Camões. Em 2016, aos 95 anos, alcança o título de ser a primeira mulher brasileira a ser indicada ao prêmio Nobel de Literatura.

Seu universo ficcional problematiza as mazelas sociopolíticas contemporâneas, o papel da mulher em contextos de opressão e de não legitimação, bem como, questiona valores e padrões impostos por regimes totalitários e antidemocráticos. Recorrendo novamente aos estudos da pesquisadora Vanessa Aparecida Ventura Rodrigues (2014):

O universo literário de Lygia Fagundes Telles trabalha com a diversidade das palavras, que juntas passam a criar mundos transpostos da realidade para a ficção. Ao escrever seus contos e romances, mostra as profundas transformações pelas quais passou a classe média brasileira a partir dos anos 50. Cria mundos em que os limites, entre o vivido e o imaginário, chegam a se confundir, tocando a imensidão onírica do interior do ser humano. Poderíamos dizer que sua obra é, ao mesmo tempo, real, fantástica e verossímil. Ao criar suas tramas, ela consegue transformar uma experiência particular em uma experiência universal, e ao utilizar-se da clareza, da objetividade, do despojamento de gestos familiares e cotidianos, lida com fios dramáticos os quais chegam a beirar a banalidade, porém são capazes de fixar profundamente a - tragédia anônima- residente no interior de cada um de seus leitores. (RODRIGUES, 2014, p.14)

A escrita de Lygia Fagundes Telles é extremamente engajada com o compromisso de pensar as mazelas e as desigualdades sociais. Por intermédio de suas escritas, o leitor alcança reflexões possíveis sobre o fim da Segunda Guerra Mundial e as inúmeras mudanças políticas no país, como a redemocratização nacional em um cenário de repressão e militarização.

Em consonância aos diálogos do sociólogo e crítico literário Antonio Candido (1985), a literatura é a capacidade de confirmar a humanidade do homem. Nessa perspectiva, essa autora, intelectual das letras, viabiliza aos seus leitores reflexões dadas aos elementos das humanidades do presente.

**Memória(s) e resistência: a escrita engajada de Lygia Fagundes Telles em *As meninas***

A memória é um fenômeno, uma faculdade humana, que é social, cultural e historicamente construída a partir da interação. Quando lembramos de algo, e os narramos, evidentemente trazemos lembranças de um passado, que por vezes, se faz vivo.

Em *As meninas* (1974), as histórias das personagens e os acontecimentos são narrados de forma aleatória. A presença da memória está em evidência, sendo esta considerada uma obra que traz fenômenos memorialísticos. Considerando os apontamentos do sociólogo francês, Maurice Halbwachs (2006), a memória:

É uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada. [...] se pela memória somos remetidos ao contato direto com alguma de nossas antigas impressões, por definição a lembrança se distinguiria dessas ideias mais ou menos precisas que a nossa reflexão, auxiliada por narrativas, testemunhos e confidências dos outros, nos permite fazer de parece faltar algo como teria sido nosso passado. Não obstante, ainda que seja possível evocar de maneira tão direta algumas lembranças, é impossível distinguir os casos em que assim procedemos e aqueles em que imaginamos o que teria acontecido. (HALBWACHS, 2006, p. 91)

A memória é um espaço de divisões, de deslocamentos, de partidas e retomadas. Em *As meninas* as difusões e disjunções memorialísticas ocorrem como um caminho possível de recomposição do “eu” das personagens.

De acordo com a pesquisadora Sandra Aparecida Jorge Gindri, em sua dissertação intitulada *As estratégias narrativas e a configuração da memória em Leite Derramado* (2016):

[...] toda memória, seja resultado de lembranças espontâneas, ou de lembranças voluntárias é uma reconstrução a volta de um eu em busca de imagens e lembranças que posicionadas em determinado tempo e espaço apenas podem reconstruir-se como representação desse passado [...]. (GINDRI, 2016, p. 65)

Em consonância ao viés crítico de Sandra Gindri (2016) a memória, pelo intermédio das lembranças espontâneas, ou das lembranças voluntárias, viabilizam a reconstrução de um “eu” em movimento. Essa premissa, insere-se na composição das personagens de Lygia Fagundes Telles. O enredo de *As meninas* (1974) se costura ao

fluxo de consciência das personagens. O romance dá às personagens a liberdade de um diálogo incisivo com o passado, o presente e o futuro, explorando assim, o recurso pontuado por Jacques Le Goff em *História e memória* (2013), em que enfatiza sobre as experiências do indivíduo pelo limiar da memória:

Nas palavras de Le Goff (2013):

[...] Nesta perspectiva, pode-se afirmar que a memória, por conservar certas informações, contribui para que o passado não seja totalmente esquecido, pois ela acaba por capacitar o homem a atualizar impressões ou informações passadas, fazendo com que a história se eternize na consciência humana [...]. (LE GOFF, 2013, p. 387)

Na argumentativa proposta por Le Goff compreende-se que cada personagem funciona como um ser autônomo, exprimindo suas próprias vivências. É perceptível a presença de diversas vozes narrativas, que por sua maioria são inseridas no decorrer da trama sem indicações, como se tratasse de flashes de memória, ou seja, em meio a leitura uma personagem se insere no discurso da outra com suas lembranças.

Alinhando-se entre memória e invenção temos uma lembrança de Ana turva, que narra um acontecimento de abuso na sua infância:

[...] O fecho machucava meu pescoço principalmente depois que ele começou a alisar o guardanapo com mais força enquanto repetia a beleza que a ponte ia ficar. Mais perto o cheiro de cerveja e mais perto o olhinho azul como conta por detrás do vidro sujo dos óculos. A mão gelada e a fala quente mais rápida mais rápida a ponte. A ponte. Fechei a boca mas ficou aberta a memória do olfato. A memória tem um olfato memorável. Minha infância é inteira feita de cheiros. O cheiro frio do cimento da construção mais o cheiro de enterro morno daquela floricultura onde trabalhei enfiando arame no rabo das flores até chegar à corola porque as flores quebradas tinham que ficar de cabeça levantada na cesta ou na coroa. O vômito das bebedeiras daqueles homens e o suor e as privadas mais o cheiro do Doutor Algodãozinho. Somados, pomba. Aprendi milhões com esses cheiros mais a raiva tanta raiva tudo era difícil só ela fácil. Cabecinha de enfeite. Comigo vai ser diferente. Di-ferente repetia com os ratos que 1170 roque-roque roíam meu sono naquela construção embaratada diferente di-ferente repeti enquanto a mão arrebatava o botão da minha blusa. Onde será que foi parar meu botão eu disse e de repente ficou tão importante aquele botão que saltou quando a mão procurava mais embaixo porque os seios já não interessavam mais. Por que os seios já não interessavam mais por quê? O botão eu repeti cravando as unhas no plástico da cadeira e fechando os olhos pra não ver o cilindro de luz fria do teto piscando numa das extremidades e o botão? Não não é o botão que eu quero é a ponte a ponte. A ponte me levaria pra longe da minha mãe e dos homens baratas tijolos longe longe. Posso

rir de novo e me emprego de dia e estudo num curso noturno fico manicura porque de repente vinha um homem e se apaixonava por mim enquanto eu fazia as unhas dele. As unhas arrebatando o elástico da minha calça e arrebatando a calça e enfiando o dedo de barata-aranha pelos buracos todos que ia encontrando tinha tantos lá na construção, lembra? [...] (TELLES, 1973, p. 41-42).

Percebe-se que é uma lembrança triste da personagem, pois em vários outros trechos do romance ela lembra do tal “algodãozinho”, e nisto se insere o conceito sobre memória de Le Goff, dito logo acima, que as informações do passado faz com que a memória se internalize na consciência humana. Outra marca da memória, se faz nos trechos em que Lorena fala sobre a morte de seu irmão:

[...] Ah, Rômulo, Rômulo. O sangue escorrendo do furo que mãezinha procurava tapar com a palma da mão, a camisa vermelha empalidecendo, recuando diante do sangue tão mais forte. "Que foi isso, meu filho!" — ela perguntou e o som da sua voz era branco. Respondi por ele e minha voz também saiu de uma paisagem de neve sem sol. Fiquei me ouvindo repartida em duas: o Remo deu um tiro nele mas foi sem querer, aquela brincadeira de xerife, estavam perto do paiol e Rômulo corria para o rio, acho que ia mergulhar quando Remo fez pontaria e gritou para! nessa hora ouvi o tiro [...] (TELLES, 1973, p. 56-57)

A tragédia familiar é relembrada diversas vezes pela personagem, porém, se é real ou fruto de sua imaginação não sabemos, isto é algo que fica subentendido no romance:

[...] Aquela arvorezinha de retratos, o menino é Rômulo ou Remo? — Remo. Rômulo não podia estar ali. — Não? — Morreu nenenzinho, querida. — Nenenzinho? — Não tinha nem um mês, não chegou nem a isso. O médico disse que ele não tinha viabilidade. Um sopro no coração. Levantei-me com uma vontade maluca de puxar aqueles panos, arrancar tudo e fazer entrar a luz do dia. Mas ainda era dia? — Um momento: o Remo deu um tiro nele enquanto brincavam, não foi isso? Um tiro no peito, teria uns doze anos, não foi isso que aconteceu? Milhares de vezes Lorena contou essa história com detalhes, ele era alourado. Vestia uma camisa vermelha, vocês moravam na fazenda. Ela está sorrindo dolorida, olhando o teto. 70 — Minha pobre filhinha. Nem conheceu o irmão, é a caçula-Era menininha ainda quando começou a inventar isso, primeiro só aos empregados que vinham me perguntar, eu nem negava, disfarçava, que mal tinha? Continuou falando, na escola, nas festas, o caso começou a ficar mais sério, oh Deus, o mal-estar que eu sentia quando queriam saber se. . . Não queria que pensassem que ela estivesse mentindo, foi sempre uma criança tão verdadeira. Os médicos nos acalmaram, que não tinha essa gravidade, ia passar com o tempo, imaginação infantil rica demais, quem sabe na adolescência? Não

passou. Roberto foi sempre tão confiante, tão seguro, me tranqüilizava, não é nada [...]. (TELLES, 1973, p. 203-204)

Por outro lado, temos Lião, uma personagem sem traumas familiares, sem rancor, porém, que buscou o mundo e mudou seu pensamento quando chegou em São Paulo, ao incrir-se na militância. Suas memórias são descritas de uma infância com muito amor, um amor que para ela chegava a ser excessivo:

[...] Minha mãe chegava a me abafar com tanto amor, preferia às vezes que me amasse menos. O velho disfarçando com carrancas, tios e tias estourando por todos os lados com os batalhões dos primos. Aconchegos, festinhas. Lembro de todos, amo todos mas não tenho vontade de voltar. Isso é saudade? Foi um período que se encerrou. Aqui começou outro e agora vai começar um terceiro 74 período e então fico com esses dois períodos pra lembrar. Será saudade? [...] (TELLES, 1973, p. 119)

Na narrativa há memórias individuais marcadas, cada uma, de maneira diferenciada, pela memória coletiva de seus respectivos grupos sociais. A obra é composta por lembranças o que nos levam a enxergar que para cada personagem sempre haverá um passado revisitado pela força da memória e da reminiscência por meio das reflexões de suas personagens. Aqui, nessa narrativa, insere o olhar engajado dessa importante autora brasileira do século XX.

### **Aspectos da polifonia no romance *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles**

Quando lemos uma obra, e nos identificamos com ela, ou a assemelhamos com algo ou alguém, podemos afirmar que encontramos ali um pouco do que nos representa, de quem somos. Lygia Fagundes Telles, em *As Meninas* (1974), traz à tona três jovens com personalidades diferentes representando a luta por liberdade em um período de regime militar. Na relação entre sociedade e cada personagem ecoam vozes. Temos a voz do narrador, das personagens, da autora e de muitos que ao ler se deparam com sua própria realidade.

Bakhtin (1895-1975) denomina estas vozes, com conceito de polifonia na qual, se empregam a todo gênero romance, pois ela é parte essencial da enunciação, já que em um único texto, (esta obra por exemplo) pode ocorrer diferentes vozes que se expressam de um único discurso, no qual, é formado por outros diversos discursos.

E na narrativa temos a combinação de três vozes em constante interação, uma vez que as consciências das protagonistas travam relações dialógicas a todo instante,

interpondo-se e contrapondo-se tanto nos diálogos quanto nos monólogos interiores. Além da polifonia, devida autora também, se utiliza de metáforas em muitos aspectos abordados no romance, como exemplificado no fragmento da obra abaixo:

[...] Lembro da ampulheta quebrada, entrei no escritório do pai pra pegar o lápis vermelho e esbarrei no vidro do tempo. Fiquei em pânico, vendo o tempo estacionado no chão: dois punhados de areia e os cacos. Passado e futuro. E eu? Onde ficava eu agora que o era e o será se despedaçara? Só o funil da ampulheta resistira e no funil, o grão de areia em trânsito, sem se comprometer com os extremos. Livre. [...] (TELLES, 1974, p.220).

Para ela, o destino das personagens é, de algum modo, o destino de uma geração movida por sonhos de liberdade sexual e política, ou por um desejo de ascensão social. É uma obra que opera com o equilíbrio entre o psicológico, o social e o político. O enredo de *As meninas* vai se diluindo no fluxo de consciência das personagens.

Lorena, é considerada por muitos a personagem mais “tranquila”, no período do regime, apesar de não sair com “bandeirolas”, para “fazer” revolução, ela sabe de tudo o que está acontecendo em sua volta, e até brinca com Lião, a personagem revolucionária. Digamos que Lorena, esteja representando uma boa parte da sociedade que apesar de não irem às ruas, de não falar em política, e não levantar as bandeiras são a favor da causa. As vozes que ela está representando, ecoam em nossa sociedade não somente na década de 1970, mas também nos dias atuais.

Ana é a menina que foi abusada quando criança, cresceu cheia de traumas, e não consegue se libertar do vício. Talvez seja ela, a mais complicada, com passagens confusas na obra, e que infelizmente, também nos mostra uma realidade que foi e ainda continua existindo em nossa sociedade. Apesar de diferentes umas das outras, ambas se têm como apoio. Nesse sentido, esta obra pode ser considerada como um romance polifônico considerando o que nos fala Bakhtin (2008), pois para ele, [...] “o romance polifônico é definido como um texto em que de diversas vozes ideológicas se sobressaem junto a igualdade com seu próprio narrador” [...]. (BAKHTIN, 2008, p. 308)

A obra *As meninas* (1974), se caracteriza, em um romance polifônico, pois cada personagem, apresenta seu ponto de vista, sua posição própria e sua forma de pensar e agir sobre as coisas.

O romance *as meninas*, não somente tem mais de uma voz, mas também ocorrem mudanças na narrativa simultaneamente. O ser polifônico faz com que essa narrativa traga vários aspectos de cada uma dessas vozes, ou seja, traz a marca da fala de cada

personagem, e a visão de mundo de cada uma, o que nos faz dialogar com cada protagonista. Se pararmos para observar a narrativa, veremos que a relação de cada personagem se dá através da memória, ou seja, na maioria das vezes é sempre uma relembrando e contando algo que já aconteceu com a outra e vice-versa.

Podemos afirmar que cada uma das meninas possui vozes autônomas, sendo assim, se auto caracterizam. Muitos leitores, consideram a Lorena, a personagem- foco da trama, ou seja, a forma com que ela narra seus acontecimentos, a forma com que ela lidá com cada situação faz com que muitos a observem não como a personagem principal em meio as outras duas meninas, porque elas também são protagonistas, mas sim como a personagem que possui mais compreensão crítica diante dos fatos. Conforme explica o crítico literário José Paulo Paes em *Ao encontro dos desencontros. Cadernos de Literatura Brasileira* (1998):

[...] Os monólogos interiores das três protagonistas de *As meninas*, alternando-se capítulo a capítulo e entremesclando-se às vezes com a narração onisciente de terceira pessoa, fariam pensar não em uma mas em três personagens-foco. Todavia, o ascendente de Lorena sobre as suas companheiras do pensionato, tanto quanto, sem prejuízo do afeto que por elas nutre, a compreensão crítica que tem dos seus respectivos caracteres, a define desde logo como personagem-foco[...] (PAES, 1998, p. 73).

A obra de Lygia Fagundes Telles, *As meninas* (1974), se tornou um ícone para a literatura nacional. A narrativa não esconde as dúvidas, os medos, as contradições de uma época de ditadura. Nela, há o que de mais terrível acontecia com quem não aceitava as regras governamentais.

No decorrer da narração há uma transição da voz que narra, ou seja, a mudança ocorre de um capítulo para o outro, as vezes sem pausa em um mesmo parágrafo e assim por diante. Atravessando pensamentos, e falas umas das outras. Essas características são inseridas para nos situarmos ao contexto da época, o estilo de linguagem e às expressões. Nessa dialética, podemos conceber as afirmativas de Bakhtin (2005) quando este enfatiza que:

[...] “as relações dialógicas são possíveis também entre os estilos de linguagem, os dialetos sociais, etc., desde que eles sejam entendidos como certas posições semânticas, como uma espécie de cosmovisão da linguagem” [...] (BAKHTIN, 2005, p. 184).

Podemos citar Ana Clara e Lorena para falarmos destas relações dialógicas, são

totalmente diferentes uma da outra, nas palavras, expressões, estilo de vida etc. A autora deixa muito nítido a diferença entre suas meninas, que, quando se contrapõem, estabelecem uma relação de dialogismo. No primeiro capítulo da obra, quem inicia é a personagem *Lorena*, com o seguinte pensamento:

[...] Sentei na cama. Era cedo para tomar banho. Tombei para trás, abracei o travesseiro e pensei em M.N., a melhor coisa do mundo não é beber água de coco verde e depois mijar no mar, o tio da Lião disse isso mas ele não sabe, a melhor coisa mesmo é ficar imaginando o que M.N. vai dizer e fazer quando cair meu último véu [...]. (TELLES, 1998, p. 9).

Já no oitavo capítulo do romance, iniciado por Ana Clara que está drogada, e lembra de sua mãe e um de seus abusadores. Ou seja, enquanto Lorena, lembra de algo bom, prazeroso por outro lado, temos Ana, que sofre com o vício, lembrando do seu passado como algo sujo, ruim. No que se refere, os discursos não divergem, não digo isso pelo estilo de linguagem utilizado por ambas, mas pela representação de cada momento para cada uma delas, enquanto o banho representa a delicadeza, a higiene para Lorena, para Ana significa o oposto. É simples de chegarmos a uma conclusão de que cada uma, Lia, Lorena e Ana possuem uma concepção de mundo individual, e apesar de tanta diferença entre elas, ainda continuam amigas. A forma com que a autora introduz cada uma das meninas nos faz imaginar mulheres que nunca se calam, ela dá a liberdade para cada personagem se manifestar livremente, sem nenhum narrador para apresentá-las, mas sim por sua própria voz, consciência, voltamos então a falar de polifonia. A obra fala do cotidiano das meninas em um contexto de muita luta, pois o que dialoga ao todo na obra, são os discursos de uma ditadura militar.

Lia é a personagem que mais transcreve esse período em suas falas, como na passagem da obra a seguir: “*Quando saí ontem do cinema me pediram os documentos. Que medo, Rosa. Você não tem medo? Lia passou a ponta da língua na unha roída. Demorou para responde.*” (TELLES, 1974, p. 124-125)

Através da personagem Lia, que chegamos o mais próximo da realidade da década de 70 no Brasil, conforme análise do fragmento da narrativa abaixo:

[...] Quero que ouça o trecho do depoimento de um botânico perante a Justiça, ele ousou distribuir panfletos numa fábrica. Foi preso e levado à caserna policial, ouça aqui o que ele diz, não vou ler tudo: Ali interrogaram-me durante vinte e cinco horas enquanto gritavam, traidor da pátria, traidor! Nada me foi dado para comer ou beber durante esse tempo. Carregaram-me em seguida para a chamada capela: a câmara de

torturas[...] (TELLES, 1974, p. 146-147).

O aborto, o adultério, a política, as torturas, a velhice, o pudor, o sexo, a fantasia, entre outros temas que estão presentes nesta obra, foram e ainda são tabus na nossa sociedade. São temas que geram conflitos em uma população desgastada, sem recursos e sem entendimento. Em meio a sofrimentos, risos, passado, presente conseguimos de fato apaixonarmos por cada uma de nossas meninas. A alienada, a revolucionária e a burguesa, todas unidas em um mesmo período apesar de tantas diferenças, ou será que são estas diferenças que as unem? Não sabemos, pois nesta obra não temos certezas de nada, assim como o Brasil da época de 1970.

Com um final triste, nos despedimos de Ana Turva, tão linda e frágil, com toda certeza a mais sofrida, e mais desajuizada, tão real seus relatos, um passado tão sombrio, e um presente tão doloroso. Ao final da obra, encontra-se uma pequena entrevista concedida pela Lygia Fagundes Telles (1974), que ao ser questionada sobre a personagem Ana, responde com o peso de sua escrita:

[...] confesso que não queria matar a jovem ( a Ana Turva) que também resistiu. Mas descobri depois que o remorso que eu teria por deixá-la viva seria mais agudo do que se a eliminasse [...] (TELLES, 1974, p. 298).

Nem mesmo a autora aguentou tanto sofrimento, a vida da personagem Ana já não era mais vida, era um poço, sem fim. Suas cicatrizes eram sentidas através de sua memória, de suas alucinações, uma tortura a si mesma.

### **Considerações finais**

Lygia Fagundes Telles, a dama da literatura, é uma das escritoras modernistas brasileiras mais importantes e reconhecidas no cenário nacional e internacional. Com diversas premiações, teve destaque também, em seu romance *As Meninas* (1974) a autora traz a memória histórica de um período de grande tensão do cenário nacional do século XX. De forma engajada, pela composição das personagens Lia, Lorena e Ana Clara, a autora problematiza os medos, as angústias, as torturas internas e externas dadas ao viés da sociedade do século XX.

No ínterim, Lygia Fagundes Telles de forma engajada escreve sobre os paradigmas que constituem o cotidiano de sociedades que buscam caminhar pela estrada

da democracia e do direito de ser e estar.

### Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do mé- todo sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.

BARROS, Diana Luz; Fiorin José (orgs). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em torno de Bakhtin**. 2- ed.1. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

BARTHES, Roland. **Análise estrutural da narrativa**. Editora Vozes. Rio de Janeiro, 2008.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e a vida social**. In: Literatura e Sociedade. 7º ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1985.

CANDIDO, Antonio. **A personagem do romance. A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto 1: Prolegômenos e teoria da narrativa**. Editora Ática, 2004. São Paulo.

GINDRI, Sandra Aparecida Jorge. **As estratégias narrativas e a configuração da memória em leite derramado**. 2016. Dissertação de Mestrado – Estudos Literários. Universidade do Estado de Mato Grosso, Tangará da Serra, Mato Grosso, 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 1ª ed. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas - SP: Editora da Unicamp, 2013.

LOPES, Edward. **Discurso literário e dialogismo em Bakhtin. Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 2003.

PAES, J.P. **Ao encontro dos desencontros. Cadernos de Literatura Brasileira**. São Paulo, n. 5, 1998.

PIRES, Vera Lucia, Tamanini-Adames, Fátima Andreia. **Desenvolvimento do conceito Bakhtiniano de polifonia. Estudos Semióticos**. Volume 6, número 2, São Paulo, 2010. Disponível em: (<https://www.fflch.usp.br/dl/semiótica/es>). Acesso em: 10/09/2019.

RODRIGUES, Vanessa Aparecida Ventura. **As marcas da memória na escrita de As meninas, de Lygia Fagundes Telles**. Dissertação de Mestrado – Estudos Literários. Universidade Estadual Paulista, Araraquara, São Paulo, 2014

SILVA, Suzana. **Literatura e o Trabalho Tradutório em “As Meninas”, de Lygia Fagundes Telles**. Monografia de Especialização em Metodologia da Tradução: Língua Inglesa, Faculdade Frassinetti do Recife, 2015.

TELLES, Lygia Fagundes. **As meninas**. 32. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1974.

WATT, Ian. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.